

Barco Borda d'Água

Quando a prima Sílvia estava casada com o Luciano, lembro-me quando íamos passar férias a casa da prima de a minha mãe ficar no quarto de visitas com as abelhas em gesso. Na altura, não reparava no simbolismo. Lembro-me de uma vez a minha mãe ter-me chamado ao quarto das visitas e ter-me dito para eu olhar para todas as paredes e para ver se via alguma coisa. Lembro-me de ter dito para eu olhar bem para as abelhas e ver se via alguma coisa nas abelhas e eu não via nada. Lembro-me de a minha mãe ter baixado a cabeça como se tivesse ficado triste e ter-me pedido segredo “sobre o assunto”, como se a minha mãe tivesse chamado ao quarto para outra coisa e não me tivesse perguntado nada e ter-me dito que se eu quisesse falar sobre aquilo que tinha de ser através da escrita quando eu me lembrasse. Lembrei-me agora são 23:01 de 30 de julho de 2021. Disse-me que eu só podia escrever. Lembro-me de ouvir a minha mãe a falar com a tia Bárbara na piscina que o Luciano era um espírito, que era “o Diabo” e que durante a noite andava a vaguear pelo casarão e entrava nos nossos sonhos... Mas lembro-me que elas diziam isto em risos “diabólicos”, num teatrinho delas, mas depois via um outro teatrinho da tia Bárbara, porque via a minha mãe a desbobinar tudo e a fazer ligações de coisas com que tinha sonhado e que depois o Luciano dizia na mesa e via a tia Bárbara a contar à filha, à prima Sílvia, em risinhos e a prima via sempre o meu fantasma a ouvir as coisas proibidas e piscava o olho ao espírito do meu fantasma. Na altura, eu não percebia nada, era pequeno, tinha 16 anos. Ficava sempre calado e continuava sempre em silêncio. Não sei como, mas parecia que as maçonarias todas sabiam que eu fazia silêncio quando tinha de fazer silêncio. Diria que esta “é que é a sobrenaturalidade da coisa”. É as maçonarias conhecerem o meu espírito, saberem quem eu sou desde o meu nascimento... Parece que as maçonarias “pegaram-me ao colo” e “mudaram-me as fraldas”... Parece que houve sempre uma silenciosa monitorização-proteção à distância sem interferir muito no meu processo natural da vida... E nessa silenciosa, dura, psicótica e fria distância parece que conhecem e acompanham sempre o meu espírito, parece que o atravessam, que o penetram... É como se eu próprio deixasse de me sentir um fantasma e me sentisse mais real na minha espiritualidade, que afinal, é a mesma que a dos outros, mas tudo num absurdo silêncio... Escrevi a “Mente Requintada” em casa da prima Sílvia e do Luciano. O Luciano deu-me a palavra-passe da Internet e disse para me ligar à rede deles. Escrevi online. Acordei, mergulhei na piscina, sentei-me no computador e escrevi online a “Mente Requintada”. Quando acabei de escrever, guardei na pen e apaguei do computador do Luciano o que tinha escrito, fui até à Reciclagem eliminar o documento que era meu. No final do dia, o Luciano, pela primeira vez convidou-me para sair com “eles”. “Eles” eram o Luciano, a prima Sílvia e a prima Sara. “Eles” saíam sempre entre “eles”. Tinham as suas “saídas”. Estavam imensos primos e tios em casa da prima Sílvia, senti-me “especial”, por o Luciano me ter perguntado se eu queria ir ver o por do sol com eles à praia e que depois comíamos qualquer coisa fora. Lembro-me de todos os primos “terem ficado a olhar”... Hoje, vejo que pode ter havido “um teatro” no olhar... Mas como pode também não ter havido. Não somos todos maçons. Numa família de maçons, nem todos são maçons. Fomos ver o por do sol e lanchámos no barco Borda d'Água que estava atracado na praia. Havia uma câmara apontada à nossa mesa, mas eu tinha 16 anos e ainda não ligava muito à questão das câmaras... Nessa mesma mesa, o Luciano começou a “profetizar” as coisas que eu tinha escrito na “Mente Requintada” e disse que estávamos todos ligados e que cada vez iríamos ficar mais ligados e que um dia iríamos todos aceder a um cérebro global, porque os cérebros iriam estar todos ligados, todos em sintonia. Tinha 16 anos e lembrei-me do que a tia Bárbara e a mãe diziam sobre o

Luciano, que o Luciano era “o Diabo” e que à noite entrava nos nossos sonhos, então pensei que se ele conseguisse aceder aos nossos sonhos era porque também conseguia ler os meus pensamentos e pensei na minha nobre inocência que o Luciano era mesmo poderoso e tinha poderes de ler a minha mente e simplesmente estava a falar comigo em código, porque estava a dizer as coisas que eu tinha escrito, ou seja que estavam na minha “Mente Requistada”, ou seja que estava a aceder à minha “Mente Requistada”, mas sem a prima Sílvia e sem a prima Sara saberem... Estupidamente, achei aqui um mentalismo e quando achei isso, o Luciano piscou-me o olho como se me estivesse a invadir a mente “sem me magoar” e como se eu estivesse a aprovar a “secreta” tecnologia dele. Tudo isto tem importância. Tudo isto na altura teve uma “certa importância”, um “certo peso”. Olhei para a prima Sílvia e para a prima Sara e lembro-me que a imagem que na altura me veio era como se elas estivessem a ver o cérebro do Luciano a hackear-me invisivelmente e eu a deixar e num silêncio estivesse “a adorar”, como se o Luciano fosse um “vampiro” e me estivesse a morder sem me “magoar” à frente delas e eu soubesse que o Luciano também lhes “morde sem magoar” e que elas também deixam, porque faz parte “do culto”... Na altura, nem sequer me lembrei que o Luciano era Engenheiro Informático e era sócio de uma empresa milionária de informática e que sabia, por isso, só através da rede Wi-Fi ver os documentos que tinham sido escritos nos computadores ligados à rede Wi-Fi ou sacar as informações dos telefones que se ligassem à rede... Não passei no teste, porque fiquei a achar que o Luciano era “um vampiro” que lia as nossas mentes. Não voltei mais ao barco Borda D’Água. A prima Sílvia divorciou-se do Luciano e casou-se com o primo João e nasceu o primo Gastão. A prima Sílvia passou da maçonaria dos diabos da Engenharia Informática para a boa maçonaria da Engenharia Civil. Vim para a Ilha dos Piratas e o barco Borda d’Água apareceu magicamente. Quando o meu cérebro se lembrou, de manhã, num passo maçónico de ir ver vídeos no Youtube para ver como se arranjava um motor de barco, o Borda d’Água apareceu avariado e eu pus o motor a funcionar como se estivesse ligado a uma maçonaria de Engenharia Mecânica e uma maçonaria de Engenharia Naval. Sem me aperceber, numa guerra maçónica dos diabos comecei a jogar à Batalha Naval com os piratas. Só que os piratas estão numa infinita Batalha Naval e eu quero sair do jogo.

23:23 30 de julho de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com em 16 de setembro de 2021

Jupiter Editions®